

# O Doutor Tourinho e seu tempo

Daniel Bicudo

Dentre os painéis antigos da cidade, uns já extintos, outros transformados, o Morro de São Bento era um dos primeiros a impor-se ao visitante recém-vindo do planalto. Saindo da estação, no Largo Monte Alegre, tinha ele a vista atraída, primeiro para uma rua comercial cheia de bulício — a Rua de São Bento — e, após, para o ponto onde ela rematava, além, na encosta pedregosa e verdejante do outeiro que lhe dera o nome: o Morro de São Bento.

No primeiro plano dessa rua, logo ao começo, havia um escritório térreo, montado com simples divisões e guichês, identificando-se por um letreiro britânico entre os portais: "The City of Santos Improvements Company. Era a concessionária de dois serviços municipais, gás e água (água dos Pilões, de que todo o santista gostava). A seguir, grandes armazéns de café, com portas protegidas de grades de ferro, e escritórios em cima, nos sobrados a cuja porta letreiros e placas indicavam firmas de comissários. Algumas ainda são lembradas, como, por exemplo: Meira Botelho & C., Banco União de S. Carlos, Coutinho & C., Banco de Lavoura, Poyares & C. Advogados também tiveram seus endereços na rua de São Bento. O fulgurante propagandista republicano Silva Jardim. (Iê-se nas suas Memórias)

teve os seus inícios de caudilco, juntamente com Martim Francisco, naquela rua. Célebre rua, pois.

No segundo plano da rua de São Bento, não podia ser tanto o que de mais notável havia.

Tinha, porém, o seu pitoresco. Com fachadas de esquina para São Leopoldo, a Fábrica de Cerveja São Bento, e um talho de circunstância, o Açougue Vasco da Gama.

Era de São Bento a cervejaria, não por causa do mosteiro, lá em cima, mas pelo nome da rua. Tudo de São Bento, pois: mosteiro, rua e líquidos fermentados. Mas sem forçar a tecla. Já não a mesma coisa com o açougue. Que tinha a ver com carnes verdes o nome do famoso conquistador? Mistério!

Viu-se, porém, na prática, que a cerveja de nome São Bento ficou mais conhecida, no consumo forçado dos botecos, como marca Barbanete; e viu-se que o nome do açougue atrapalhou em certo tempo a vida da rua. É que o dono, não contente só com o nome dado ao negócio, mandou colocar um busto avantajado de figura antiga, barbaçada e de

turbante, na frontaria do prédio. E nem todos sabiam do que se tratava.

Confundiu-se, muitas vezes, com imagem religiosa, pois uns simplórios se descobriam, fazendo o sinal da cruz, ao passarem por ali...

Ao fim da rua perpendicular sobre o morro, uma subida suave, à esquerda, entre tufos de vegetação. Largos degraus de alvenaria atestavam o trabalho escravo deixado nos caminhos para o secular convento, lá mais ao alto assinalado pela torre da Igreja, entre árvores sombrias. Uma derivação dos primeiros degraus levava, pouco adiante, para uma casa solarenga erguida no começo do aclave, entre a murmuração de ramos e vertentes cristalinas. Pitoresca mansão talhada para o viver tranqüilo de capitalista, certamente, foi ela no entanto escolhida por um médico santista, para notabilizar-se como seu lar doméstico e consultório eventual.

Esse médico foi o dr. Manoel Maria Tourinho. Que pensamentos intimos lhe teriam acaso motivado a escolha daquela casa para morar? A intenção de ficar mais próximo

dum bairro desenvolvidamente ativo, era possível. Das duas zonas em que a cidade dantes se dividia, diga-se, para nordeste a zona dos Quartéis e para oeste a do Valongo, a esta última pertenceriam as ruas convizinhas da estação ferroviária. Foi, com efeito, não mais que um prolongamento valongueiro o crescimento dessas ruas, atraindo residências familiares para trechos da rua de São Leopoldo, e, depois, para a de Visconde do Embaré. A residência dum clínico de renome na zona valongueira estava, pois, justificada.

Mas — e preciso dizer — tratava-se não apenas do profissional talentoso, que viera anos antes para Santos como uma dádiva da capital da Bahia. Tratava-se também do homem público que, com rapidez, aqui se revelara a plena luz e que, no fastígio da política e da administração municipal, passara por um revés partidário repentino. Este lhe acarretara o ostracismo. E, pois, acima de tudo, no recolhimento da encosta umbrosa, o dr. Tourinho teria ido encontrar o que mais almejava, isto é, o relativo sossego de espírito na tranqüilidade do lar, entre árvores, águas cascataentes e o chilreio dos pássaros.

Não teria alcançado por inteiro, se de alguma forma o conseguira, porque, na verdade, desde que se mudara para as bandas de São Bento, a acrescida admiração pública o acompanhara, com iniludíveis provas de apreço, mas também com seus ditos. O popular Morro de São Bento passou a ter uma significação a mais, por obra da personalidade do ilustre médico e político. Com efeito, o seu afastamento da administração constituiu um fato inédito e surpreendente. Santos, com o advento da República, se havia organizado politicamente nos moldes duma constituição própria, elaborada por Vicente de Carvalho. Fato sem exemplo entre as comunas brasileiras, e de alcance democrático perfeito.

De acordo com essa constituição, exercia o dr. Tourinho a Prefeitura, quando inopinado ato estadual rasgou a constituição santista e, conseqüentemente, depôs o seu governo legítimo. Dr. Tourinho caiu de pé, prestigiado pela opinião independente do povo santista. A imprensa qualificou o fato de "estelionato político", como ficou sendo conhecido.

Estava-se no ano de 1896, datando então de doze anos seguidos a atividade pública do glorioso sacrificado. Vereador da Câmara Municipal, em 1884, membro da Junta de Higienidade, em 1890, intendente municipal, em 1891, e presidente da Câmara, em 1894 — o dr. Manoel Maria Tourinho, no dizer de Brenno Ferraz do Amaral, pela "A Tribuna", de 20-9-1953, "é o Municipalista, o Democrata, que pelas alturas de 1896, se imolava, politicamente, ao princípio da autonomia dos municípios e da verdadeira democracia. É todo um capítulo da História de São Paulo, e por aí, da História do Brasil".

Foi no amargo ostracismo do dr. Tourinho (não há ostracismo que não seja amargo) que eu o conheci, habituando-me a vê-lo em seu característico andar, mudo e apressado. Parecia leve o seu físico de homem alto e robusto, quando caminhava. Toda a gente o conhecia e estimava, já pelo sacerdócio médico, já pelo renome que lhe dera a atuação política nesta terra, por mais de um decênio.

E com esse halo é que era visto em seu voluntário retiro. A sua presença na encosta memorosa animou as circunvizinhanças, onde àquela época residiam os Marques Leite, os Mi-

lhão de Azevedo, os Patusca, Artur Begbie, Augusto Cruz Maia, Homem de Bittencourt, Ferraz e Loyo (o bravo maestro Loyo, da Colonial Portuguesa). Todo um colorido pinturesco de gente antiga, que, no conjunto social santista particularizou a rua Visconde do Embaré. Ainda assim, ninguém percebeu uma vez em que, ao solar do dr. Tourinho foram ter duas personagens notórias. Eram amigos seus, que precisavam de homizão temporário. E não só o tiveram, mas dali puderam sair, dias depois, bem disfarçados e protegidos contra a sanha de perseguidores.

Velo depois um belo dia em que a política local se modificou. Surgiu o Partido Municipal. Outros chefes, idéias mais novas e liberais. Foram buscar o varão ilustre em seu famoso retiro, e de lá o trouxeram para a presidência do partido.

De muito serviram as lições da inteligência e da experiência do dr. Tourinho. Mas as profundas desilusões o afastaram logo dos novos amigos.

Já fatigado, também, do seu solar, mudou-se dali para outro bairro, indo residir no palacete que pertencera a Constantino Janacópulos, à rua Sete de Setembro. E foi nessa casa que, inesperadamente, veio a falecer, no dia 16 de junho de 1913. Estava com sessenta anos de idade, e com resistência física ainda animadora.

A memória do dr. Manoel Maria Tourinho começou, daí, a viver na consagração santista. Falta-lhe ainda, porém, a merecida homenagem, à altura dos seus méritos clínicos por mais duma vez reconhecidos pelo grande Miguel Couto. Uma sala de hospital já devia existir com o seu nome. Ulisses Paranhos, santista ilustre, recordou-o carinhosamente numa crônica paulistana intitulada "Médicos de Santos". No Instituto Brasileiro de História da Medicina, na Capital Federal, o dr. Mauricéia Filho, de outra feita, teceu-lhe um hino ao nome inesquecível.

E, agora, recordando a data de seu nascimento, a 21 de abril de 1853, ocorreu-me traçar estas linhas em lembrança de um tempo, que talvez tenha sido a seu melhor tempo. Aquele em que, num solar hoje em ruínas no velho Morro de São Bento, existiu e brilhou o lar acolhedor e festivo do dr. Manoel Maria Tourinho.

ARQUIVO  
Celso Maria de Mello Pupo  
Campinas - SP.